

AS DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS PELO SISTEMA ESCOLAR ATUAL FACE AO CONSTANTE PERIGO DAS DROGAS E VIOLÊNCIAS EXTERNAS

THE DIFFICULTIES AND CONFRONTS OF THE CURRENT SCHOOL SYSTEM IN FACE WITH THE CONSTANT DANGER OF DRUGS AND EXTERNAL VIOLENCE

Gilson de Souza Cazaes¹

Resumo: O presente artigo possui, como importante e necessário pano de fundo, a situação lastimável e extremamente preocupante que vem se apresentando no sistema escolar atual. Situação recorrente em várias unidades escolares, que além de se ocupar com antigos problemas, tanto estruturais como pedagógicos, sem deixar de mencionar questões ligadas à valorização profissional, tem se somado a essas a grave realidade das drogas. O alastramento e o uso de substâncias proibidas entre os adolescentes em idade escolar têm, infelizmente, se tornado cada vez mais comum; e o presente instrumento de pesquisa e abordagem científica procura oferecer elementos que venham contribuir com iniciativas positivas, frente aos sérios desafios que a nova e delicada realidade social impõe ao carente e tão fragilizado sistema educacional brasileiro. Recorrendo a importantes abordagens de consagrados teóricos e pesquisadores, a pesquisa ora redigida procura fundamentar o seu singelo argumento, sabendo que em se tratando de um delicado tema e que possui potencial destrutivo e desintegrador de vidas e famílias, não deixamos de compreender que não trazemos fórmula mágica para tão delicado tema. O que se propõe e, como dito, é trazer uma pequena contribuição diante de um imenso oceano de desafios e dificuldades tais, que conseguem colocar de mãos atadas o Poder Público com todo o

¹ Doutorando em Educação pela World University Ecumenical – WUE

seu aparato. Por fim, os referenciais adotados, ao serem aplicados e inseridos na estrutura do presente artigo, conseguiram, ainda que sem pretensão de exaustividade, tornar a sua apresentação menos evasiva e redundante.

Palavras-chave: Drogas, Substâncias proibidas, adolescentes, família.

Abstract: This article has, as an important and necessary backdrop, the regrettable and extremely worrying situation that has been occurring in the current school system. A recurring situation in several school units, which in addition to dealing with old problems, both structural and pedagogical, without forgetting to mention issues linked to professional development, has been added to these the serious reality of drugs. The spread and use of prohibited substances among school-age teenagers has, unfortunately, become increasingly common; and this research instrument and scientific approach seeks to offer elements that will contribute to positive initiatives, in the face of the serious challenges that the new and delicate social reality imposes on the needy and fragile Brazilian educational system. Using important approaches from renowned theorists and researchers, the research written here seeks to substantiate its simple argument, knowing that in the case of a delicate topic that has destructive and disintegrating potential for lives and families, we do not fail to understand that we do not bring a formula magic for such a delicate topic. What is proposed and, as said, is to make a small contribution in the face of an immense ocean of challenges and difficulties such that they can tie the hands of the Public Power with all its apparatus. Finally, the references adopted, when applied and inserted into the structure of this article, managed, even without claiming to be exhaustive, to make its presentation less evasive and redundant.

Keywords: Drugs, Prohibited substances, teenagers, family.

Introdução

Devido ao cenário que se tem apresentado diante dos nossos perplexos olhares, difícil se faz realizar uma abordagem estritamente científica, sem que se emocione, de um tão delicado e urgente tema e que tem, literalmente, tomado de assalto as nossas fragilizadas escolas! Precisamos, sem jamais nos permitir o abandono de uma grande carga emocional, abordar o assunto com sincera seriedade, já que se trata do bem mais precioso das nossas vidas: os nossos queridos filhos! A nossa preciosa prole! Presente de DEUS para as nossas vidas! Nossa herança e legado! Dessa forma, inevitável se faz apresentar a grande questão: o que fazer? Quais caminhos devemos percorrer? O que o Poder Público tem a apresentar? Que soluções podemos colocar? Porventura, não seria essa questão digna de ser trabalhada em plena parceria família-escola? Devemos salientar que, lá atrás, quando da criação das associações de Pais e Mestres, dos Conselhos Escolares e organizações congêneres, o propósito maior não foi, simplesmente, colocar dinheiro direto na escola, da sigla PDDE, mas, e principalmente mais, objetivou-se o estabelecimento de uma duradoura e frutífera parceria entre família e escola, pais e professores! Não seria, justamente, necessário retomar essa visão inicial, que fomentou a criação de tantas associações por todo o território brasileiro, sendo ele o passo que falta? A grande decisão em direção ao combate efetivo desse escabroso problema? Esperamos, com sincero propósito e firme objetivo, poder oferecer luz, compreensão a um problema de ordem universal.

Drogas, Escola e Resiliência

A abordagem das drogas no âmbito social muda de acordo com os relatos históricos que invariavelmente pontuam a história humana. O homem sempre tentou alterar suas percepções, sensações e estados de ânimo através de substâncias psicoativas que aparecem com finalidades religiosas, culturais, curativas, militares, relaxantes ou puramente prazerosas.

Já na Grécia antiga, Hipócrates tentava romper com a tradição de atribuir às drogas um poder mágico, afirmando que eram naturais e tinham propriedades específicas, em que só a quantidade definiria a diferença entre o remédio e o veneno (ESCOHATO, 1996, pag. 45).

Contudo, a dimensão social da droga possui um vínculo estreito com o desenvolvimento do homem em suas relações político-econômicas, porquanto mudam seu caráter à medida em que essas substâncias passam a retirar dos indivíduos sua capacidade de resposta moral e produtiva no meio, incorporando às culturas a noção de drogas lícitas ou ilícitas, proibidas por lei ou por princípios religiosos, geralmente consonantes com o poder hegemônico.

As drogas passam a surgir como 'pragas sociais' a partir da Modernidade, momento em que se instalam a redução do poder dos soberanos, o livre contrato entre as partes, a livre empresa, a reforma protestante e a contrarreforma, a descoberta de novos territórios e a conseqüente mudança no modo de produção.

A industrialização traz uma nova ordem social, com empresários de todos os portes, operários e funcionários, reorganizando a sociedade em torno das cidades que a produção faz expandir em tamanho e problemas sociais, instaurando o conflito aberto de classes ante o enriquecimento de uns e o aumento indiscriminado da miséria em muito, em geral, camponeses expulsos do campo, ou atraído pelas novas oportunidades de trabalho e vida.

Neste contexto, no mundo ocidental, o tabaco pontua a masculinidade de todas as classes sociais e o álcool e o café mudam de valor entre os ricos e pobres, constituindo-se fator de requinte para os primeiros e indicador de fraqueza para os segundos, uma vez que a classe operária enfrentava condições sub-humanas de vida e trabalho, facilmente transformando o estimulante em meio e modo de render-se à condição de marginalidade.

O crescimento da população trabalhadora, em torno dos complexos produtivos, com baixos salários e graus de escolaridade faz do álcool o divisor de águas e o centro das atenções dos mais moralistas até a primeira metade do Século XX, ficando o consumo de ópio (heroína inclusive) nos

bastidores da vida social, mais restrito a pequenos grupos de alto poder aquisitivo e a fornecedores e usuários de grupos marginais geralmente localizados no 'submundo das diversões'.

A primeira metade do século é marcada pela 2ª Guerra Mundial que terá consequências em cadeia como o apogeu da industrialização e das comunicações, a Guerra Fria, o retorno da mulher ao mercado de trabalho, a revolução sexual, a Escola como repositório das expectativas e suprimento dos papéis da família e a 'juventude transviada', que o mercado da música e do cinema se encarregou de disseminar, criando a fórmula mágica para as décadas seguintes: sexo, drogas e “rock and roll”.

Nos anos 60 surgem conflitos raciais, de gerações, políticos e econômicos. Mudam as instituições políticas, a Igreja, a Escola, a forma de produzir e a forma de querer. Mas as reações à Guerra do Vietnã, às ditaduras militares na América Latina e a tomada da Universidade de Paris se opunham como gigantes aos programas governamentais que insistiam em fomentar a crença na ideologia dominante e suas promessas de prosperidade cada vez mais esvaziadas.

Nos anos 70, novas mudanças nas instituições são promovidas como meio de assegurar a ordem social. Mas o auge do movimento 'hippie' e o Festival de verão de Woodstock faz explodir no mundo a admissão de diversas drogas pesadas.

Para a grande maioria dos jovens do ocidente a saída do sistema é uma solução para suportar a crise, embora os meios de difusão dessas ideias fossem do próprio sistema, que faturava como nunca sobre a produção de discos e espetáculos, estendendo-se para o mercado de jornais, revistas e da moda. (ESCOHOTADO, 1996 e 1997, pag. 123).

Os anos 80 ingressam na história com a implementação efetiva das políticas neoliberais e a globalização, difundindo tudo em tempo real. Termina a guerra fria e cai o muro de Berlim. Instaura-se a União Europeia. Os Tigres Asiáticos disputam produtos em outros países americanos, os sindicatos perdem força e o desemprego estrutural assola o mundo.

Nos anos 90, aprofundam-se os processos anteriores, as comunicações se agudizam e nos conduzem ao Século XXI com a certeza da incerteza. Até mesmo a China abre-se ao comércio inter-

nacional e é impelida a aderir a nova ordem econômica.

A questão das drogas intensificou-se nessas décadas em todos os níveis, ocorrendo uma pauperização e interiorização na produção e no consumo, sendo pano de fundo da delinquência e causando danos irreversíveis a adolescentes e adultos usuários, levando a frequentes alterações na legislação pertinente, e a campanhas de prevenção que têm se demonstrado inócuas.

A realidade aponta para a crescente desqualificação da família e da escola para fazer frente ao problema. O aumento das populações marginalizadas e a perda de referências aumentam a onda de violência e desesperança, típicas do pensamento pós-moderno em que nenhuma resposta parece servir. As certezas são os registros de estatísticas nada alentadoras.

Drogas na Atualidade

A condição de pós-modernidade, caracterizada pela perda de fé no progresso (um dos primeiros sintomas do pensamento pós-moderno); pelo pragmatismo como forma de vida e pensamento (salientando a procura do prazer e da satisfação do presente sem considerar suas consequências); e, pelo desencanto e indiferença de uns com os outros que frequentemente conduzem ao cinismo, apresenta-se aparentemente como uma condição social própria da vida contemporânea. (MOSQUERA, 2000, pag. 22).

GIDDENS (1991, pag. 16) afirma que “A condição de pós-modernidade se distingue por uma espécie de desvanecimento da grande narrativa e uma linha de relato englobadora mediante a qual se nos coloca na história como seres que possuem um passado determinado e um futuro predizível” Nesta condição, acabaram trocando os grandes relatos por discursos pobres.

Ao focalizarmos um grupo de adolescentes usuários ou altamente suscetível, precisamos levar em conta que, via de regra seus pais e professores são produto da falta de perspectivas, da fragilização de valores e da falta de referências, tanto no que diz respeito à construção de suas próprias

vidas como na capacidade para lidar com seus filhos, uma vez expostos às mazelas do meio.

O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. [...] A civilização moderna viveu com a certeza do progresso histórico. A tomada de consciência da incerteza histórica acontece hoje com a destruição do mito do progresso. [...] “O futuro chama-se incerteza” (MORIN, 2001, pag. 79 a 81).

Com efeito, o individualismo, para as últimas gerações, logrou uma posição privilegiada na construção da subjetividade, em que o destaque do eu assumiu formas inusitadas, mesmo se considerarmos a tradição individualista na história ocidental. (BIRMAN, 1999, pag. 56).

Há que se admitir que se vive ainda, sob o império de uma racionalidade que carece de fundamento, profundidade e sustentação. Assistimos, paralisados, ruir os valores éticos e morais nas relações de trabalho, na vida social, nas relações afetivas, no dia a dia, e a sobrevivência determina que é preciso aprender a lidar com a competição, com a intriga e com a corrupção. Além disso, a imagem pessoal adquiriu importância desmedida.

Segundo BIRMAN (1999, pag. 166 a 167), ao fazer uma análise social, constata-se facilmente que o sujeito individualizado, extremamente autocentrado, acaba por empreender uma exaltação gloriosa do próprio eu [...]. Nesse contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si mesmo pelo indivíduo, que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão. A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, [...]. Institui-se, assim, a hegemonia da aparência, [...]. “Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser.”

Nas relações de trabalho, por exemplo, agora muito mais competitivas, em função mesmo da precariedade de ofertas no mercado de trabalho, nota-se um corre-corre em busca da melhor ‘performance’. Aqueles que insistem em não participar deste ‘espetáculo’, seja pela opção em realizarem-se apenas como seres sociais, seja por que não conseguem cumprir a demanda dessas exigências que se impõem, parecem, ser indivíduos que estão mal e precisam de ajuda.

Assim, pode-se imaginar o sofrimento psíquico a que se sujeita uma pessoa que possui outros valores, que não os de culto ao corpo, marketing pessoal e o evitar total da dor. Por conseguinte, os filhos dessas pessoas também passam a padecer das mesmas angústias diante da debilidade dos pais para enfrentar a vida como ela é.

BIRMAN (1999, pag. 24) chama atenção ao fato de que o estudo das patologias, isto é, os discursos psicopatológicos estão conectados com as modalidades pós-modernas de construções subjetivas. Ele salienta que não deveriam ser apenas os estudos das neurociências a explicar as enfermidades mentais atuais, “mas também, e principalmente, o requinte e a engenhosidade pelas quais se cultuam certas modalidades de construção subjetiva”.

A ênfase no “bem-estar” extremo, ou na insuportabilidade do mal-estar, empurra para o uso de qualquer produto, não mais com um objetivo do bem-estar coletivo. A ótica hoje é individualista. Acontece uma ausência de projetos pessoais compartilhados, não mais existe o sujeito coletivo, ocorrem somente micro alianças em torno da possibilidade da obtenção do gozo pessoal, custe o que custar.

Ao mesmo tempo, sentimentos de angústia e solidão assolam multidões. Não mais envolvidos com seus pares buscando, desesperadamente, vencer o próximo ‘round’ da luta cotidiana, os seres humanos ocidentais estão buscando através de medicamentos psicoativos, de terapias mirabolantes, de drogas alucinógenas, a solução mágica para seus sofreres.

Não é por acaso que as toxicomanias juntamente com a depressão e os transtornos de ansiedade, vêm sendo os distúrbios psíquicos mais estudados e apresentados nos encontros científicos recentes.

KALINA (1987, pag. 38) considera que se vive um tempo de extrema periculosidade, no qual existe uma “ideologia aditiva”, um delírio compartilhado, que se constitui em uma ideologia de vida ou de morte que é, sem dúvida, dirigida pelos “poderosos”, com uma facilidade assombrosa, pois encontram, sem dúvida, de forma velada ou manifesta, veios autodestrutivos em todos os setores da

sociedade.

SCHIMITT (1997, pag. 76) postula que a sociedade que tenta conduzir o jovem para ser alguém, com valores éticos e morais, a ter uma identidade estruturada, é a mesma que o induz desde pequenino, a desejar e a consumir, se possível, tudo o que lhe for oferecido pela mídia, e assim inseri-lo no processo de produção de novas necessidades.

A sociedade atual está repleta de contradições. Existe o incentivo ao uso de álcool, fumo e medicamentos; inúmeras campanhas publicitárias nacionais propagandeiam os “benefícios” do uso dessas drogas, ao mesmo tempo em que o Governo Federal gasta 7,9% do PIB nacional em tratamento a doenças associadas ao abuso destas mesmas drogas. (BRASÍLIA, 1999).

Para KALINA (1999, pag. 67), o pior de tudo é que estamos todos tão contaminados por esta ideologia “mafiosa” em nossas vidas cotidianas que nem sequer nos damos conta da opressão em que vivemos. Para ele, assim como na vida adulta vai-se absorvendo condutas antiéticas e amorais, por força da pressão social, os jovens, também, tendem a incorporar práticas psicopáticas, que passam a ser “normais”, para eles, naquela situação. A partir dessas mudanças na escala de valores, acaba acontecendo uma substituição do companheirismo e da amizade por essa ideologia perversa e “mafiosa”.

DEJOURS (1999, pag. 29) salienta que o atual sistema econômico gera um sofrimento crescente entre os que trabalham pois, estes trabalhadores vão perdendo a esperança de que sua condição atual possa depois melhorar. Eles acabam por convencer-se de que seus esforços são inúteis. Deste modo, sua relação com o trabalho vai-se dissociando progressivamente da possibilidade de segurança e felicidade.

Refere ainda que o sofrimento de quem não consegue empregar-se, ou de quem perdeu o emprego e passa pelo processo de dessocialização, é levado a uma espécie de doença mental, pois é agredido nos alicerces da identidade.

Hoje, todos têm medo dessa ameaça real de exclusão que, igualmente, atinge os filhos, em particular aqueles que se encontram próximos ao ingresso no mercado de trabalho cada vez mais

restrito e exigente.

Toda esta reflexão conduz para que não se reduza os problemas sociais da contemporaneidade em um simples “Combate às Drogas!”, ou “Tolerância Zero!”, como os slogans americanos para o problema das drogas, mas sim, que se possa ampliar a visão, identificando os múltiplos fatores que produzem “estilos toxicômanos” como por exemplo: a infância extremamente medicalizada; a falta de coerência por parte dos governantes nos programas de saúde; a falta de informação por parte dos pais e professores, inclusive para auxiliar crianças e adolescentes a lidar com a constante criação de novas necessidades de consumo postas pelo mercado.

Com certeza, é preciso observar o lugar singular que a droga ocupa individualmente na vida de cada um. Cada modalidade de uso pode assumir representações e práticas diversas, dependendo do significado que ela venha assumir no conjunto das relações interpessoais do sujeito. Sabe-se que a etapa de desenvolvimento mais vulnerável para o início do uso de drogas é a adolescência. Sabe-se, também, que este momento evolutivo é caracterizado por uma série de conflitos e buscas, causadores de muita ansiedade. Tudo que o jovem quer, tudo o que ele mais almeja, é “ser alguém”, a qualquer preço e com qualquer estímulo.

MURAD (1992, pag. 42) considera que os adolescentes estão com pouca força para resistir às pressões, tensões, ao estresse, aos problemas que atualmente afligem a sociedade adulta. Estes jovens, então, procuram fugir, sucumbindo mais facilmente às drogas. O adolescente hoje, tem encontrado junto ao grupo de iguais, na busca de amparo e de uma nova identidade, a pressão ao uso indiscriminado dos mais variados tipos de substâncias psicoativas, no qual o preço da resistência é indubitavelmente a exclusão.

BUCHER (1992, pag. 28) aponta que buscar a droga, no período da adolescência, pode significar várias facetas de uma crise social. Assim, pode ocorrer no interior de grupos isolados que obedecem a determinada ideologia, de “contracultura” por exemplo, “o que lhes confere uma certa coesão ‘underground’, apesar de toda a marginalidade. Esta corresponde então mais a uma opção,

enquanto exclusão ativa que detém toda uma coerência lógica e afetiva”.

Para Knobel (in ABERASTURY & KNOBEL,1992, pag. 32), o adolescente, tentando estruturar sua nova identidade, irá recorrer aos comportamentos que se mostrarem mais favoráveis no momento. Um deles é o de uniformidade, pois proporciona segurança e estima pessoal.

Ocorre aqui o processo de dupla identificação em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente. [...]. Em certas ocasiões, a única solução pode ser a de procurar o que o próprio Erikson chamou, também, “uma identidade negativa”, baseada em identificações com figuras negativas, mas reais.

É preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada. Observa-se, ainda, que existe, principalmente no mundo adulto, uma tendência a incorporar a droga à vida “social”, com a desculpa de que deste modo está se exercitando o direito à liberdade.

Para KALINA (1999, pag. 20), no entanto, nem todo o adolescente que experimenta drogas torna-se adicto. É de consenso que existem outros fatores, existem bases anteriores, mais arcaicas, “bases predisponentes” individuais, familiares e sociais que condicionam a possibilidade de uma adição.

GURFINKEL (1995, pag. 28) destaca que o jovem que busca a droga, o faz para obter prazer. E essa busca de prazer pode ser compreendida como “a busca de prazer pelo caminho mais curto”, ideário este, mantido e sustentado pela sociedade atual, onde tudo é descartável, tudo é muito rápido, tudo é fugaz.

Considerações Finais

Quanto à cura, isto é, às possibilidades de o dependente químico se desvencilhar do uso de substâncias nocivas, destacam-se três aspectos importantes: a renúncia ao prazer imediato; o resgate de valores e uma perspectiva de futuro, ou seja, um Projeto de Vida.

Fichtner (in KALINA, 1999, pag. 9) afirma que “a cura significa renunciar a “alegria” ma-

níaca da drogadição, num sentido de recriar um projeto de vida, no qual os valores espirituais, éticos e morais, pelos quais lutaram gerações de homens amantes da liberdade, devem ser resgatados”. O que significa dizer que, para haver cura é necessário haver mudança de valores, mudança de ideário, mudança de estilo de vida.

Como afirma FREIRE (1998, pag. 21): “Isto significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-me reiterar, é problemático e não inexorável”.

Assim, compreendendo a Escola como o espaço de excelência de mediação da prática social, é imperativo discutir a idade escolar, situada entre os 7 e 12 anos, pela relação existente com as possibilidades de aquisição e desenvolvimento de resiliência.

E nesse contexto desafiador, podemos concluir, que a participação ativa e engajamento dos pais, inequivocadamente, trará possíveis resultados mais eficientes e duradouros; já que a relação do discente com os seus pais pressupõe a existência de fortes laços afetivos! E esse fator é inquestionavelmente decisivo no processo de libertação e reinserção social dos vitimados por esse tão pernicioso problema.

Referências bibliográficas

DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. – 2ª Edição – Rio de Janeiro: FGV, 1999.

DEJOURS, c., ABDOUCHELLI, E., JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola de jouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEVAL, Juan. El desarrollo Humano. 2ª edição, México/Espanha: Siglo Vientiuno, 1995.

ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESCOHOTADO, Antônio. História de las drogas. 3ª edição, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

ESCOHOTADO, Antônio. O livro das drogas. São Paulo: Dynamis Editorial, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Berta Weil. Psicologia e educação: desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta. Berta Weil Ferreira. Porto Alegre: 2000.

FERREIRA, Berta Weil. O Cotidiano do adolescente. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Berta Weil. Adolescência. Teoria e Pesquisa. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 1984.

FICHTNER, Nilo (org). Transtornos Mentais da Infância e da Adolescência: um enfoque desenvolvimental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, João B. Educação de corpo inteiro. São Paulo: scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa. 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1993.

FREUD, Anna. O ego e os mecanismos de defesa. Rio de Janeiro: BUP: Biblioteca Universal Popular S.A., 1968.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução por José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GIDDENS, Antony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GÓMES, Gregorio R., FLORES, Javier G., JIMÉNEZ, Eduardo G. Metodología de la investigación cualitativa. Archidona, Málaga: Ediciones Algibe, 1996.

GURFINKEL, Décio. A pulsão e seu Objeto Droga. Estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAGUETTE, Teresa M^a Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

KALINA, Eduardo. Clínica e terapêutica das adições. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

KALINA, Eduardo. Drogadição Hoje: indivíduo, família e sociedade / Eduardo Kalina et al. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

KALINA, Eduardo. Aos pais e adolescentes: viver sem drogas / Eduardo Kalina e Halina Grymberg. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.